

Delta do Parnaíba nos rumos do ecoturismo: um olhar a partir da comunidade local

*Flávia Ferreira Mattos e Marta de Azevedo Irving**

Resumo

O presente trabalho é fruto de uma reflexão desenvolvida a partir do estudo de caso, realizado em caráter monográfico, no âmbito da Graduação em Psicologia, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, na região do Delta do Parnaíba MA/PI¹. A pesquisa realizada recaiu sobre a comunidade das Canárias, pertencente à Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba (MA/PI), inserida na área potencial e prioritária para o desenvolvimento do Ecoturismo no Brasil, pelo Projeto Pólos de Ecoturismo.

Introdução

O Delta do Parnaíba é uma importante área da zona costeira brasileira, caracterizado por ser o único delta em mar aberto das Américas, formado por cinco barras (Igarçu, Canárias, Caju, Carrapato ou Melancieira e Tutóia), a partir do rio Parnaíba, divisor natural dos estados do Piauí e Maranhão, composto por mais de 75 ilhas. Do ponto de vista geomorfológico é uma área dinâmica e, sob a ótica ecológica se caracteriza pela presença de endemismos e alta biodiversidade. Recentemente, o Delta do Parnaíba passou a ser considerado uma região, potencial e prioritária, para o desenvolvimento do Ecoturismo no Brasil, de acordo com o Projeto Pólos de Ecoturismo (EMBRATUR/IEB, 2002).

De acordo com Zoneamento Ecológico - Econômico do baixo Parnaíba (ZEE do baixo Parnaíba, 2002), que inclui delta, o Ecoturismo é entendido como a melhor opção para que a região retome o seu ciclo de desenvolvimento. Esforços e iniciativas de várias origens podem ser registrados no sentido de fortalecimento do Delta como destino ecoturístico, entre eles: a campanha lançada pela PIENTUR - Empresa de Turismo do Piauí "Piauí, quanto mais se conhece mais se gosta"; o Programa Melhores Práticas para o Ecoturismo - MPE/FUNBIO, que incidiu na região; a implantação do Conselho Gestor local do Programa Pólos de Ecoturismo; planejamento turístico no Município de Araióses (MA), entre outros.

Seguindo a tendência de conservação ambiental priorizada mundialmente, principalmente a partir das últimas duas décadas, a região do Delta do Parnaíba, foi considerada uma área potencial a ser protegida. Em 1990, a região já havia sido considerada de interesse ecológico. Em 1997, foi criada a Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba e, no ano 2000, sobreposta a APA, foi criada

a Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba.

Com relação aos ciclos econômicos presentes na região ao longo dos anos, o Delta do Parnaíba presenciou o ciclo da carne-seca, em meados do século XVIII e a exploração agroextrativista da carnaúba, a partir do século XX (ZEE do baixo Parnaíba, 2002). No entanto, algumas comunidades/povoados residentes nas ilhas do delta, em especial na ilha das Canárias, entre elas (Canárias, Passarinho, Caiçara, Torto e Morro do Meio) realizavam suas atividades produtivas relacionadas à extração de recursos marinhos (pesca, cata do caranguejo, da ostra, do sururu etc), de maneira tradicional e à agricultura para o próprio consumo ou em pequena escala (cultivo de arroz). Pode-se considerar que a necessidade de conservação da região, somada à característica dessas comunidades, propiciou a criação da referida unidade de conservação na categoria de uso sustentável, sob a designação de Reserva Extrativista Marinha.

O ecoturismo cada vez mais se dirige às unidades de conservação (UC) de uso sustentável. Desta forma, o envolvimento com as ditas comunidades/populações tradicionais, além de um diferencial no produto ecoturístico, passou a representar uma alternativa econômica e uma ferramenta para a conservação (Coutinho, 2000). Assim, as comunidades presentes nas categorias de UC de uso sustentável, de acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), em especial nas Reservas Extrativistas (RESEX) e nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS), passam a representar interessantes aliados para a implantação da atividade. Estudos e iniciativas de organização comunitária com esse objetivo, sob este enfoque, ganharam destaque. Entre eles, os casos das RESEXs Curralinho e Pedras Negras no Estado

*, Flávia Ferreira Mattos é Graduada em Psicologia na UFRJ e Marta de Azevedo Irving é Prof.ª do Programa EICOS - UFRJ.

1 A pesquisa foi desenvolvida enquanto atuava como monitora do Programa Melhores Práticas para o Ecoturismo - MPE/FUNBIO.

de Rondônia, que passaram a ser objeto de investigação das potencialidades turísticas para a região (Coutinho, 2000), culminando com a realização do ecoturismo de base comunitária; a RDS Mamirauá, onde existe uma área destinada à realização do ecoturismo, incluída desde o Plano de Manejo da reserva (Barnnerman, 2001); e recentemente, em agosto de 2002, no âmbito governamental, o lançamento do Programa Estratégico desenvolvido pelo IBAMA/CNPT, de incentivo ao Ecoturismo nas Reservas Extrativistas, em alguns projetos de caráter piloto, são exemplos que reforçam esta tendência.

Transversalmente, a compreensão da interface do ecoturismo com as comunidades em unidades de conservação, perpassa a questão do amplo debate sobre participação das mesmas no processo de tomada de decisões, uma vez que estas nem sempre recebem os benefícios almejados e tampouco estão presentes na gestão dos espaços protegidos. Este aspecto está intimamente ligado ao fortalecimento dos movimentos sócio-ambientais e também se vincula a uma revisão crítica e pró-ativa da academia, com base na reflexão sobre sustentabilidade ecológica e equidade social e objetiva influenciar uma revisão das práticas políticas no Brasil.

Uma importante questão expressa por Irving (2001), que observa as características dos projetos de desenvolvimento no Brasil ao longo dos últimos anos, diz respeito à fragilidade da organização e participação de determinadas comunidades no planejamento de estratégias para desenvolvimento local. Como assinala a autora (2001):

"Um dos pontos reconhecidos de maior fragilidade nas iniciativas em andamento se refere ao compromisso de engajamento (dos atores locais) e o compromisso de conservação

ambiental no processo de planejamento do Ecoturismo em áreas de elevado valor ecológico ou Unidades de Conservação".(p. 50).

Além disso, Irving (2001) observa que ainda hoje o modo de vida, o patrimônio natural, histórico e cultural dessas comunidades é pouco conhecido para efeito de planejamento.

Lima (1997), a partir da experiência da implantação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, no Estado do Amazonas, observa que a diversidade social implica na necessidade de se conhecer em profundidade as formas de reprodução social, para que se desenvolvam modelos de participação, manejo e preservação, específicos para cada situação. Neste sentido, a autora assinala que:

"O envolvimento das populações locais em unidades de conservação não deve seguir um modelo muito rígido. Ao contrário as experiências precisam ser construídas no decorrer de um processo de interação contínua com a população, ajustando as demandas e costumes locais à intenção de se construir um sistema de uso sustentado do ambiente, que combinado com a preservação da biodiversidade, garanta uma melhoria da qualidade de vida da população". (p. 311)

É necessário ressaltar que semelhante à RDS, as Reservas Extrativistas também investem na parceria ecológica com as populações locais e apresentam como fundamento a participação de seus moradores na gestão da área. Porém, a dificuldade de implantação das Unidades de Conservação na realidade brasileira, a complexidade de operacionalização do ecoturismo devido aos diferentes grupos de interesses envolvidos e as nuances características das práticas políticas, constituem grandes desafios na atualidade e incentivam, sobretudo, a investigação das

bases em que estão sendo construídas as relações com as populações extrativistas locais nas parcerias existentes.

No caso do Delta do Parnaíba, a constatação da problemática local com a chegada dos primeiros indícios de turismo nas comunidades do delta, a falta de dados sistematizados e instrumentos de manejo, bem como a incerteza com relação ao papel assumido por essas comunidades, inspirou uma investigação para o aprofundamento da questão, apresentando o morador local como protagonista deste cenário. O estudo realizado teve como objetivo a compreensão da dinâmica local e a busca do olhar dos moradores das Canárias, suas inquietações, medos e expectativas na atualidade, tendo em vista as novas estratégias de desenvolvimento da região dirigidas ao Ecoturismo.

Desta forma, procurou-se compreender principalmente as seguintes questões. Nos rumos do ecoturismo, qual o lugar das comunidades do Delta do Parnaíba? Como se posicionam os moradores nascidos nas ilhas do delta frente à chegada do turismo? Quais os benefícios e prejuízos percebidos por eles? Como os moradores interagem com as tendências observadas para a região? Estas questões nortearam a investigação, que teve como base para a reflexão o enfoque de desenvolvimento local, que vem influenciando as estratégias para o ecoturismo e é entendido por Carestiato (2000) como:

"Um modelo de desenvolvimento que permite a construção de poder endógeno para que uma dada comunidade possa autogerir-se, desenvolvendo seu potencial sócio-econômico, preservando o seu patrimônio ambiental e superando as suas limitações na busca contínua da qualidade de vida de seus indivíduos". (p. 27)

Segundo essa perspectiva, o

desenvolvimento, a partir do enfoque local, além de circunscrever a questão no espaço de inserção de um grupo social com suas especificidades, valoriza o envolvimento comunitário, está alicerçado em relações horizontais e na noção de empoderamento das comunidades, valores que, segundo Irving (2002), constituem a garantia ética de sustentabilidade em projetos de desenvolvimento.

Metodologia: Premissas e etapas

Incorporar o olhar das ciências sociais na compreensão do fenômeno turístico, bem como nas estratégias de desenvolvimento, parece ser um desafio na busca de outros caminhos que conduzam à redução das desigualdades sociais e de poder e potencializem a valorização do patrimônio natural e cultural. A partir da abordagem psicossocial, buscou-se estudar a dinâmica em que a comunidade das Canárias estava inserida, a fim de oferecer subsídios para a compreensão da problemática local. Para tal, a construção da base metodológica da pesquisa teve inspiração na Pesquisa Participante que tem o compromisso de transformação social, privilegiando a relação direta do pesquisador com a realidade, envolvendo a patente filiação educativa, a idéia de superação dos procedimentos tradicionais do conhecimento, a opção crítica e política, a união entre teoria e prática, o envolvimento comunitário (Demo, 1984) e a recusa do mito de neutralidade e objetividade, clássico na pesquisa tradicional (Brandão, 1999).

A pesquisa de campo foi realizada no período de fevereiro a maio de 2002. Foram utilizadas, como técnicas para obtenção das informações, a observação participante e a entrevista semi-estruturada. A realização do estudo envolveu pesquisa bibliográfica, levantamento de dados secundários e

levantamento de dados primários (pesquisa de campo). A Pesquisa de Campo pode ser descrita nas seguintes fases metodológicas:

1) **A escolha da comunidade** - A comunidade das Canárias foi escolhida por estar localizada no Delta do Parnaíba, caracterizado como Pólo de Ecoturismo pela Embratur; por pertencer a Resex Marinha e à Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba e por estar sendo alvo do turismo deflagrado na região. Esta escolha foi estimulada pela observação do antropólogo e professor da Universidade Federal do Piauí, Fabio Ferreira. 2) **Os sujeitos da pesquisa** - A pesquisa considerou aos próprios moradores das Canárias como sujeitos. Para a escolha dos entrevistados, foram utilizados os seguintes critérios: representações dos diversos segmentos sociais e representatividade perante a comunidade. 3) **A inserção na comunidade** - A inserção na comunidade foi facilitada a partir do contato com um morador nascido e criado no Porto dos Tatus, na Ilha Grande de Santa Isabel/PI que trabalhava como barqueiro na região e possuía grande conhecimento das comunidades residentes na região do Delta do Parnaíba. 4) **Elaboração e calibração do roteiro de entrevista** - O roteiro de entrevista foi elaborado a partir do contato com a comunidade para que fosse assegurada a adequação à realidade local. 5) **A realização das entrevistas e a observação participante** - O procedimento básico utilizado na realização das entrevistas foi a apresentação ao entrevistado dos objetivos e finalidades da pesquisa e o pedido do consentimento do entrevistado para a gravação, transcrição na íntegra e utilização das informações para a realização do estudo. Foram realizadas 23 entrevistas gravadas e demais contatos com moradores da comunidade, fruto da observação participante. 6) **Transcrição, análise e discussão dos dados obtidos** - As entrevistas

foram transcritas na íntegra e analisadas a partir de uma abordagem qualitativa. Para a análise, foram privilegiados entrevistas e relatos que traduzissem aspectos da dinâmica local com relação ao turismo ou fornecessem dados para uma compreensão ampla do que é pensado, de forma geral pela comunidade.

Aspectos relevantes sob a ótica local

Canárias é um dos povoados que se encontra localizado na Ilha das Canárias, a segunda maior ilha em extensão do delta, e está situado junto à barra das Canárias, limite entre os estados do Piauí e Maranhão. Atualmente, o acesso à comunidade é feito através de barco coletivo a motor, em dias úteis e em um único horário de ida e volta, a partir do Porto dos Tatus, na Ilha Grande de Santa Isabel/PI. Relatos do histórico da colonização da ilha datam o ano de 1806, com a chegada à região de uma personalidade denominada Chico Bezerra. Algumas mudanças puderam ser observadas ao longo dos anos: chegada de luz a motor, outros tipos de pesca, e aspectos construtivos nas moradias, o alargamento do rio Parnaíba e a redução da quantidade de peixes na região. A situação atual da comunidade de Canárias revela dados preocupantes do ponto de vista de desenvolvimento local. De acordo com dados do Programa de Saúde da Família - PSF de 2002, o povoado apresenta cerca de 256 famílias e aproximadamente 1208 habitantes, sendo o maior povoado da Ilha e o de maior proximidade ao Porto dos Tatus /PI. A população não dispõe de água potável, 100% das famílias utilizam água de poço ou cacimba e com relação às questões referentes ao lixo, 68% dos entrevistados por este programa informaram que queimam, 17% disseram que o enterram e 15% afirmaram que o deixam a céu aberto. Quanto ao

destino dos dejetos, 66% dos moradores entrevistados pelo Programa PSF informaram que fazem uso da sentina, apenas 13,2% dispõem de fossa séptica e 15,1% afirmaram que o destino de seus dejetos é o mato. (PSF, 2002).

Canárias não possui a tradição da extração comercial do caranguejo, comparada às demais comunidades do Delta. As principais atividades econômicas são a pesca artesanal e a cultura de arroz. A renda familiar é variável mensalmente, conforme a produção de pescado e a colheita de arroz. Apesar de grande parte da economia e dos serviços utilizados pela comunidade pertencerem ao Estado do Piauí, pela maior proximidade, a ilha das Canárias pertence ao município de Araióses, Estado do Maranhão. Canárias, atualmente possui duas escolas públicas com turmas de 1ª. a 4ª. série do ensino fundamental. No entanto, uma boa parte dos moradores nunca tiveram acesso à educação formal. Após a 4ª. Série, as crianças têm que se dirigir a outra localidade, fora da ilha, na embarcação escolar. A Unidade de Saúde existente vem funcionando desde 2001 com a equipe do Programa de Saúde da Família. Anteriormente a este Programa, a comunidade era assistida por um próprio morador que se prestava ao atendimento comunitário. Atualmente, os moradores dispõem de energia elétrica no período de 18:00 às 22:00 horas, através de um gerador movido a óleo diesel, mantido pela Prefeitura do Município de Araióses, que, segundo os moradores, muitas vezes não funciona. A energia elétrica é um dos principais assuntos comentados na comunidade, principalmente após a expectativa frustrada de se obter energia através de um projeto de criação de um motor-contínuo que, depois de construído, não funcionou. A população é predominantemente católica, e os eventos religiosos da igreja são dirigidos

por membros da própria comunidade, pois Canárias não tem representante religioso domiciliado. As Festas religiosas ocorrem em comemoração ao dia de São João Batista (padroeiro) em 24/06 e Nossa Senhora das Dores em 24/12. Nestes dias, ocorrem procissão, encenação com membros da comunidade e a presença do padre que vem de Araióses para o festejo. A "terra" é reconhecida pelos moradores como pertencente a São José. Relatos de moradores antigos explicam que há muitos anos, parte da ilha das Canárias foi doada à igreja católica e por isso ali não se compra terreno, como afirmam.

De acordo com os relatos de alguns moradores, três tentativas de organização formal foram realizadas na comunidade, mas hoje nenhuma delas funciona, a saber: Associação de Moradores, de Produtores Rurais e de Pescadores. Muitos foram os problemas apontados pelos moradores com relação à localidade. As principais queixas se referem a falta de energia, de ensino além da quarta série, de oportunidade de trabalho, descaso público e de união da própria comunidade. Apesar dos problemas observados, é importante ressaltar que a maioria dos moradores mantém uma expressão positiva com relação à localidade, se referindo com orgulho ao fato de terem nascido nas Canárias. Uma das principais características com relação ao viver na ilha diz respeito à tranquilidade do lugar. De acordo com relatos colhidos, Canárias sempre sofreu o descaso público, mas ultimamente tem tido maior atenção das autoridades, em função do fluxo turístico gerado no "Delta do Parnaíba".

O turismo na Ilha das Canárias

Apesar do fluxo turístico no delta ter surgido em meados da década 80, pode-se considerar que, a partir do ano 2000, a comunidade de Canárias passou a ser

significativamente influenciada pela presença do turismo da região. A ilha das Canárias e, mais precisamente, a comunidade das Canárias, passou a ser procurada por visitantes de diversas procedências de forma sistemática, seja por grupos levados por agências de turismo de Parnaíba, com a finalidade de conhecer a comunidade, ou de forma aleatória, simplesmente por visitantes que percorrem a região deltáica e aportavam na ilha, muitas vezes movidos pela curiosidade de quem passa ao largo, pelo rio Parnaíba e avista o pequeno vilarejo. Recentemente, a comunidade tem sido visitada semanalmente por um grupo de turistas de origem holandesa, levado por guias de uma agência de turismo de Parnaíba. No percurso que fazem no interior da comunidade, os visitantes tiram fotos, filmam, visitam a casa de um morador que cria um macaco, distribuem bombons (balas) às crianças e depois prosseguem o passeio na embarcação.

No período da pesquisa foi possível observar algumas iniciativas isoladas de moradores que demonstram uma certa movimentação, a partir do interesse em se beneficiar com a chegada do turismo. Entre elas, pode-se destacar a iniciativa de uma moradora, proprietária de um bar, que passou a oferecer alimentação e abrigar em uma casa as pessoas que, esporadicamente, decidem pernoitar na ilha; um proprietário de comércio local que, com a chegada do público estrangeiro à ilha, passou a fazer curso de inglês por correspondência, visando aprender a comunicar-se; reuniões promovidas pela enfermeira do Programa de Saúde da Família para organizar moradores em torno do artesanato para vender para o turista; alguns bares que surgem na beirada da "praia" (rio) para atender ao turista. Porém, diante de todas as iniciativas que surgem em decorrência da chegada do

turismo na comunidade, a mais evidente no cenário da pesquisa, diz respeito à construção de uma pousada, iniciada em dezembro de 2001, que vem suscitando expectativas junto à comunidade e ao órgão responsável pela unidade de conservação, o IBAMA. .

O olhar dos moradores

A partir dos relatos colhidos e da observação participante foi possível compreender e interpretar algumas das questões suscitadas na pesquisa. A criação da Resex Marinha do Delta do Parnaíba, de fato, parece ter contribuído para a resolução do conflito fundiário vivido pelos moradores e para a minimização da pesca predatória na região. Porém, os moradores se mostram pouco familiarizados com os objetivos da RESEX e o caráter participativo previsto em sua gestão. De acordo com o relato de um morador, que se tornou agente ambiental colaborador do Ibama:

"Quando eles (IBAMA) vieram pra cá fazer a reunião, dizer que essa área aqui estaria proibido o sistema dos manguezais, foi uma calamidade pro povo. O povo tentaram até querer brigar. Aí nós como agentes começamos a falar aquelas coisa, conversando com o pessoal. Ó gente, não é assim. É porque o Ibama hoje vai querer meter a gente na cadeia porque queremos tirar um pau, cortar uma madeira pra botar na casa. Gente, não começa por aí, vamos parar, deixa o pessoal conversar depois a gente vai se reunir, vamos chamar o (D, representante do Ibama/Cnpt), vamos chamar o (R, Ibama) e gente vê como é essa motivação da Reserva. porque nem eu mesmo sabia. Aí eles vieram aqui filmaram esse manguezais aí e deixaram a explicação pra nós explicar pro povo o que era uma Resex." (morador das Canárias)

A relação existente entre os membros da comunidade e a instituição ambiental

que gerencia a RESEX, o IBAMA, é variável. Entre as visões colhidas, algumas observações feitas por um dos moradores "nascidos e criados" nas Canárias, fornecem subsídios para a reflexão sobre a participação da comunidade na gestão da unidade de conservação.

"O Governo Federal, com essa ambição dessa valorização do "Delta do Parnaíba" passaram a abrir o olho em cima dessas ilhas, sabendo que essas ilhas daqui a mais 5, 6, 8 anos estão mais valorizadas. Aí criaram o IBAMA e muitas vezes ele vem vindo não para ajudar mais para atrapalhar. Eles chegam e querem impor uma condição que eles estudaram no livro e não pedem uma opinião dos moradores daqui, de quem nasceu, conviveu é o B-Abá do dia a dia, que eu acho que é o que eles deveriam fazer" (...) "Eles [IBAMA] chegam e apontam 4 ou 5 [referindo-se aos moradores] e convidam para serem fiscais do IBAMA. Fazerem um curso para fiscais e enrolam, mentindo, dizendo que depois eles vão passar por um curso de aperfeiçoamento para depois o IBAMA contratar pra eles ficarem fiscalizando." (...) o IBAMA vai e convida o povo para fazer uma reunião. Naquela reunião, de boca e no papel, eles falam que vão desenvolver muita coisa. Quando termina, eles não fazem nada. (...) Ele chega proíbe que você jogue o lixo ali, ele chega e proíbe que você tire uma madeira do mangue, proíbe o pescador de pescar na época. Porque que o Ibama é rigoroso só em cima das pessoas pobres? (...) E o barco das empresas que estão bem aí, eles nunca vão prender nenhum? E eles jogam uma, duas toneladas de peixe no mato, camarões pequenos 2, 3 sacos de camarões. Quando demora uma meia hora que eles estão lá, atende o telefone e fala: rapaz é bom de vocês colocarem a bagagem de vocês e irem embora pois o IBAMA com a Capitania do Portos tão saindo agora de Parnaíba. Já temos espião lá. É eu que aviso? (...) E vão em cima de quem pesca com anduá que quando vai pescar pega 3kg de peixe e diz:

"- Rapaz, mais eu fiz uma pescaria grande!" E como nós [comunidade] vamos viver nessa ilha? Pra eles [IBAMA] é bom dizer que nós vamos pescar porque eles tem seu emprego, eles vão no supermercado e compram do que quer. Mais e eu que amanheço o dia só com o açúcar na vasilha e a água pra fazer o café e não tenho nem o dinheiro pra comprar o pão, é melhor eu ir roubar ou procurar o meu meio de vida? (...) Aí eles ainda dizem: Mas e como no Projeto deu certo no Xapuri? No Xapuri deu, deu certo porque houve investimento de dinheiro. Só a ONU liberou para o Brasil para esse Projeto do Xapuri 210 milhões de dólares. (O ...) foi quem assinou esse cheque, você pensa que eu não sei? E lá eles implantaram trabalho, melhoramento, mais estes nada apresentaram, só sabem exigir (...) Eles chamam para uma reunião grande, chegam aqui eles não são pessoas de dizer assim eu dou minha opinião mais aceito opinião. Eles são donos da verdade, são quem pintam, são quem bordam e querem que você cumpra aquele dever. (...) Eu acho que nós dessa ilha, diante das autoridades, ainda não se acabou a escravidão, só que fizeram uma escravidão mais moderna, mais prejudicial. Mais é a mesma escravidão. Eles vieram de um modo mais educado, mais a escravidão não acabou. A escravidão está aí minando os campos e nós sofrendo as conseqüências." (morador das Canárias, 62 anos)

Com relação aos visitantes e as visitas à comunidade, a maioria dos moradores afirma que a presença dos visitantes na ilha "não ajuda nem atrapalha". Alguns se mostram favoráveis com a chegada de pessoas vindas de outras localidades. No entanto, é possível perceber um certo grau de incômodo e receio diante da falta de clareza quanto aos objetivos que movem as visitas à comunidade, principalmente com relação ao público estrangeiro:

"Acho que todo mundo tá de acordo com a pousada. Agora, o que a gente não tá querendo muito, assim, é

entrar muita gente de fora. Os ingleses os japoneses, a França tá entrando aqui, a América também tá vindo aqui. Já saltaram aqui nas lanchas de turismo (...) O que ele tem de objetivo aqui dentro pra saltar aqui dentro? Eles chegam aqui, saltam da lancha, vão, dá uma volta, conversam uns gargulejos uns com os outros, vê que a gente tá ali perto mais ninguém entende o que eles tão dizendo (...) todos são grandes a gente vê que os homens tem dinheiro e ninguém entende a conversa deles (...) e aí eles vão dão uma volta por lá, vão sorrindo e voltam sorrindo e eu não sei qual é o objetivo deles. Então, a única maneira que nós queríamos aqui é que eles não tivessem entrado aqui, que não entrasse mais aqui, que passasse e que fosse tomar banho na praia que lá eles podem banhar. Porque aqui nós temos uma parte dos lençóis Maranhenses e eles podem ir lá pros lençóis, tomar banho, pegar a lancha, voltar e ir embora novamente. Mais qual o objetivo deles pararem aqui? Alguma coisa eles querem fazer. Alguma coisa eles querem tomar da própria comunidade (...) Ontem mesmo teve aqui, a Camaleão e saltou com uma faixa de 20, 25 pessoas (...) só passeando, só olhando, eles olham o colégio, vão até lá em cima, voltam e vão aqui em baixo e dão uma olhadinha tudinho e ficam sorrindo, sorrindo, né? Eles saltam alegre e entram alegre, aí eu não sei aonde tá ficando essa educação deles, esse jeito do que eles querem fazer." (morador das Canárias).

Com relação à situação comunitária no contexto de desenvolvimento do ecoturismo na região do Delta do Parnaíba o trabalho indica o quanto à comunidade das Canárias, até o momento, tem ficado à margem dos benefícios oriundos da atividade. Na visão de um morador:

"Hoje o turismo aqui ele é muito explorado, não por nós, porque infelizmente nós não temos nada a oferecer. O turista se encanta de ver árvores, de ver essas casinhas, essas crianças, muitas vezes o cara se

preocupa porque o mundo evoluído que tá hoje de repente você vê o atraso como hoje se encontra aqui, é preocupante para algumas pessoas, mais por outro lado é curioso" (...) "A gente tá começando do zero, apesar do turismo estar sendo bem explorado eu acredito desde 83, começou a vir aqui os primeiros barcos, barcos que eu digo essas embarcaçõeszinha motorizada. Hoje aquela STAR DELTA (agência de turismo de Parnaíba) vinha aqui com um motorzinho assim, uma canoinha que pegava 5 passageiros." (...) "O cara chega na praia, vai lá naquele outro canto tira foto dos manguezais. Você chega lá na Pientur tem exposta foto de todo jeito que você fica encantado, quando você chega aqui...E a comunidade? A comunidade aqui está noutra. Para todos os efeitos tem lá Canárias, tal, o Delta do Parnaíba como ponto principal, tal, tal. Mais qual o benefício para a comunidade? Não tem nenhum benefício para a comunidade." (morador e agente ambiental colaborador do Ibama).

A reflexão de um morador quanto ao destino da comunidade das Canárias frente ao cenário emergente, parece ser bastante ilustrativa:

"Eu enxergo isso como uma faca de dois gumes. Assim como pode beneficiar pode atrapalhar. As Canárias tá começando a receber melhorias. Já um moço de não sei a onde, está construindo uma casa muito grande prali, já tem a pousada, tem gente do banco. Eu digo, daqui a mais 10 anos nós, os moradores da daqui, não estamos mais morando aqui dentro da ilha. Isso vai estar uma ganância e esta ganância vai trazer o bem e o mal. Dentro dessa influência desse povo vai vir traficante, vai vir assaltante e outras coisas piores. No bojo daqueles que vem, vem aqueles aproveitadores, vem aqueles que querem se beneficiarem em cima dos próprios moradores. Porque em todo lugar foi assim. Daqui à 10 anos, nós não temos mais essa calma tão grande que nós temos aqui, essa tranqüilidade. Eu ando aqui de noite e a gente passa: boa noite, cadê

titio? Como é que tá? O que anda fazendo? Todos são conhecidos. Daqui à 10 anos só vai ter cara estranha. E essa cara estranha pode não nos fazer bem. (...) Já tá entrando pessoas que já tem outra posição e ele não vem fazer uma coisinha no mesmo sistema nosso (...) O povo da nossa ilha aqui, devido ser nascido e criado com essa tranqüilidade é um povo muito confiável. Confia em todo muito. Só tá olhando o benefício. Ele não olham a direita e depois voltam pensando a esquerda. Eles só estão pensando o benefício. O prejudicar, que pode acontecer no meio disso, pode estar muito influenciado e pode ter uma catástrofe e desmorona todo aquele sonho que você tinha. Essas coisas eu vejo no meu povo, alguém muito animado, mais eu preferia que não fosse assim. (...) Por que praticamente se essa pessoa vende essa casa pra uma pessoa que nós não conhecemos, que é uma pessoa lá de fora e chega e monta uma coisa muito forte, muito boa, muito luxuosa, pode estar prejudicando muitas famílias, pois ele vai querer fazer melhoramentos e esses melhoramentos podem custar a nossa própria vida." (morador das Canárias, 62 anos).

Este mesmo morador faz uma reflexão e expressa um alerta com relação às mudanças e aos possíveis impactos com a chegada do turismo nos hábitos e viveres da comunidade. Além disso, o relato exalta a noção de pertencimento à localidade e sugere um posicionamento que merece ser compreendido em profundidade.

"Daqui pra frente nós temos que passar por uma transformação, uma transformação de conhecimento e até de hábitos, porque nós vamos conviver com outras pessoas, com outros modos de viveres, com outras maneiras, com outras opiniões. (...) E eu acho que o pessoal só está enxergando o benefício que ele tá vendo na vista, naquele momento. Ele não está vendo coisas futuras que podem acontecer (...) O banco tá comprando, já comprou essa casa dessa senhora que mora mais perto

pra ampliar. Eles foram lá pra comprar a casa e ela disse que não vendia. Então eles perguntaram se não queria outra casa. Ele comprava tijolo e mandava construir a casa se ela desse a área a ele, ele dava a casa pronta com a chave. Veja como são as ofertas. Quando a oferta é muito grande, o cego pergunta se ainda tem troco. Eu sei lhe dizer uma coisa a mão que acaricia é a mesma que apedreja, a boca que beija morte e a boca que chama Deus chama o Diabo" (...) "Vamos mais devagar com o andor, porque o Santo é de barro. Vamos com nossas precauções tomando nossas posições, porque nós somos os legítimos donos da ilha, os nativos da ilha e nós temos que impor". (morador das Canárias, 62 anos)

Considerações Finais e Recomendações

De acordo com as tendências apontadas, se pode considerar que a RESEX Marinha do Delta e, especialmente, a Ilha das Canárias emergem na atualidade com grande potencial ecoturístico no Delta do Parnaíba. No entanto, o planejamento que incide sobre a região parece ainda pouco trabalhar sob a ótica do desenvolvimento local. De acordo com o presente estudo, o que foi possível ser observado é que o ecoturismo ainda parece ser uma prática a ser implantada na região do Delta do Parnaíba e não uma realidade existente. Do ponto de vista do ecoturismo, a realidade local mostra que o turismo praticado na região se caracteriza como um turismo de massa, com pouca ou quase nenhuma diversificação de atividades, interpretação ambiental deficiente, nenhum controle de capacidade de carga, qualidade ainda deficitária de recursos humanos e infraestrutura, apenas para citar alguns problemas. Além disso, é evidente a limitada participação das comunidades extrativistas no planejamento dos destinos da região. Estas condições confirmam ainda em 2003 a

problemática levantada em 1994, nas Diretrizes para uma Política Nacional do Ecoturismo, quanto a situação do ecoturismo na realidade brasileira.

No que se refere à chegada do turismo na RESEX, expressa na presença de visitantes, construções, apropriações e planejamento com objetivo turístico, é observada uma certa fragilidade na administração da Resex na aplicação de mecanismos de controle, seja para conter a chegada desordenada do turismo, impedir construções irregulares, controlar a especulação e, principalmente, assegurar a legitimidade do processo participativo, o que garantiria às comunidades o poder de decidirem sobre as possíveis alternativas econômicas a serem implantadas na gestão da Reserva.

Um estudo mais aprofundado dos mecanismos que levaram à criação da Resex Marinha do Delta do Parnaíba faz-se necessário para a compreensão do processo de engajamento comunitário e para contribuir ao esclarecimento e organização dos próprios moradores com respeito à referida unidade de conservação. A hipótese interpretada na presente pesquisa é que não houve tempo de amadurecimento comunitário frente à criação da Reserva, fato este que vem contribuindo como um dos entraves ao processo de implantação da RESEX, uma vez que a participação dos moradores é elemento fundamental na construção do Plano de Manejo e na co-gestão da Reserva. Esta mesma questão parece reincidir em outras Reservas Extrativistas, o que parece indicar que a pressão para a conservação dos recursos naturais não está acompanhada pelo efetivo envolvimento das populações locais, como formula a lei do SNUC. A questão que permanece como desafio é como equacionar a necessidade de conservação e manejo dos recursos naturais e garantir o efetivo envolvimento das populações locais

no processo de tomada de decisões. A investigação aponta a necessidade de resignificação das bases em que estão sendo construídas as Unidades de Conservação no Brasil. Esta revisão implica em considerar, entre outros aspectos, conforme Irving (2001), um modelo de planejamento que invista no tempo de amadurecimento comunitário.

A inexistência de Plano de Manejo da Reserva Extrativista Marinha do Delta do Parnaíba constitui uma limitação grave para a gestão. Por conseguinte, deixa a comunidade vulnerável com a chegada do ecoturismo e potencializa possíveis impactos na identidade e nos valores culturais existentes. A falta de regras para o funcionamento interno da Resex dificulta uma possível articulação da referida unidade de conservação pelo IBAMA com a proposta de criação do Pólo de Ecoturismo, pela EMBRATUR/IEB, deixando as comunidades extrativistas à margem da implantação do Pólo.

A criação da RESEX, além de introduzir uma nova ótica na relação com os recursos naturais, legítima, do ponto de vista legal, através da concessão do direito de uso da terra aos moradores tradicionais, o uso coletivo e compartilhado da terra, já vivido na tradição pela comunidade. Esta mudança, do ponto de vista dos costumes e valores locais, tende a produzir um deslocamento do centro de decisão tradicionalmente exercido pelas lideranças vinculadas ao setor religioso (Igreja Católica), para a co-gestão de um bem do Estado, entre governo e sociedade local, fazendo surgir outras representações. Este tema se coloca como prioritário para futuras investigações. Neste contexto, cabe também uma investigação pormenorizada dos diferentes planejamentos que incidem no perímetro da RESEX, considerando que cabe às comunidades construir e legitimarem junto ao IBAMA, o que será

colocado em prática, incluindo-se na dinâmica regional.

Com relação à organização social, no caso de Canárias, as estratégias adotadas pelo IBAMA, com base na formação de agentes ambientais colaboradores, parecem ainda pouco eficazes, uma vez que pressupõe um nível endógeno de amadurecimento comunitário e a internalização desses sujeitos na própria comunidade, o que parece não ser o caso na realidade das Canárias. Assim, o processo de organização comunitária parece ainda deficitário para as demandas e impactos crescentes decorrentes do desenvolvimento do ecoturismo.

Com relação à dinâmica local, com ênfase no desenvolvimento do Ecoturismo, é importante ressaltar que o Zoneamento Ecológico Econômico do baixo Parnaíba inclui o turismo no rol das economias modernizadas reforçando a necessidade do uso de técnicas gerenciais, empresariais e mercadológicas modernas, tecnologia e capital intensivos, mas pouco menciona a questão comunitária. O ZEE do baixo Parnaíba destaca o turismo com grande potencial de desenvolvimento e agregação de valor econômico para região do Delta do Parnaíba e reforça a necessidade de regularização, controle e monitoramento da atividade. Além disso, o documento prevê o compromisso com a descentralização dos recursos financeiros para que se possa reduzir as formas mais agudas de manifestação de pobreza e de exclusão social. Sendo assim, a questão da inclusão das comunidades locais no processo se torna fundamental para a sustentabilidade da iniciativa.

O planejamento do ecoturismo, como estratégia de desenvolvimento para a região, deveria, portanto levar em conta, não só a superação das deficiências discutidas, mas também permitir um diálogo

efetivo com a população residente no interior da RESEX, a fim de que as "populações tradicionais" do Delta não sejam apenas lembradas no marketing do ecoturismo, mas também em seus direitos e, principalmente, como tomadores de decisões. Para tal, um amplo trabalho que invista na educação ambiental político-transformadora, conforme descrito por Loureiro (2001), como instrumento que estimule a participação dos sujeitos sociais, faz-se necessário para que se possa pensar na elaboração do Plano de Manejo e na escolha de alternativas econômicas sintonizadas com os objetivos traçados pelas comunidades.

É necessário, portanto, compreender até que ponto, os programas de desenvolvimento do ecoturismo que incidem sobre a região levam em conta as reflexões aqui discutidas e o quanto, e de que forma, investem na participação comunitária, fortalecendo os espaços de articulação endógena. Cabe também pesquisar, em que medida os "novos" espaços de participação, afastam-se e/ou aproximam-se de um efetivo diálogo com as populações locais. Fomentar o estabelecimento de parcerias com ONGs, universidades e instituições de fomento ao desenvolvimento pode ser uma opção interessante ao IBAMA/CNPT na execução de suas metas e execução de seus objetivos, traduzindo assim tendência de divisão de responsabilidades no gerenciamento das unidades de conservação, contribuindo para construção de um modelo de planejamento turístico de base comunitária.

Desta forma, também se espera que a realização desse estudo contribua para a reflexão do planejamento da atividade ecoturística no Delta do Parnaíba, com base no desenvolvimento local e para o delineamento de políticas públicas dirigidas à região.

Bibliografia

- BANNERMAN, Matt, Mamirauá: um guia da história Natural da Várzea Amazônica. Tefé: IDSM, 2001.
- BRANDÃO, Carlos. Pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- CARESTIATO, Andréa. Educação ambiental como estratégia de desenvolvimento local: um estudo de caso. Dissertação de Mestrado, Programa EICOS/IP/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.
- COUTINHO, Maria. Ecoturismo: Reservas Extrativistas no Brasil e Experiências da Costa Rica. Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre em Integração da América Latina, área de concentração em comunicação e cultura. Orientadora Prof.^a Dr.^a Beatriz Helena Gelas Lage. Universidade de São Paulo, março de 2000.
- DEMO, Pedro. Pesquisa participante: mito e realidade. Rio de Janeiro: SENAC/DN, 1984.
- DIEGUES, Antônio Carlos O Mito Moderno da Natureza Intocada São Paulo: HUCITEC, 1996.
- EMBRATUR - IEB Pólos de Ecoturismo- Planejamento e Gestão/ Guilherme Wendel de Magalhães coordenador. São Paulo: Terragraph, 2001.
- FEYDIT, Lina. M. Programa de Saúde da Família - PSF, 2002.
- GOLDENBERG, Mirian. A arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais Rio de Janeiro: Record, 1997.
- IRVING, Marta. A. O Ecoturismo no Brasil: Retrospectiva e Tendências, in Boletim de Turismo e Administração [Publicação do] Centro Universitário Ibero Americano, Vol 10, n.º 2 (outubro 2001) - São Paulo: UNIBERO, 2001
- IRVING, Marta A & AZEVEDO, Júlia. (Orgs). Turismo: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Futura, 2002.
- LIMA, Deborah. Equidade, Desenvolvimento Sustentável e Preservação da Biodiversidade. In: Faces do Trópico Úmido, Edna Castro e F. Pintos (eds.). Belém: Cejup, 1997.
- LOUREIRO, Carlos Frederico. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, C.L., LAYRARGUES, P. e CASTRO, R. (orgs.). Educação Ambiental: Repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002.
- MMA/SDS. Zoneamento Ecológico-Econômico do Baixo Rio Parnaíba: Subsídios técnicos, Relatório Final. - Brasília, 2002.
- MURRIETA, Julio Ruiz e RUEDA Manuel Pinzón. Reservas Extrativistas. Gland, Suíça e Cambridge, Reino Unido / UICN, 1995.